

GRANDIN, Temple; JOHNSON, Catherine. **O bem-estar dos animais: Proposta de uma vida melhor para todos os bichos.** Tradução de Angela Lobo de Andrade. 1. ed. Rio de Janeiro: Ed. Rocco 2010. 311 p.

Ana Carolina Portella Silveira

Doutora em Bioquímica

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro (IFTM)

Diogo Júnio Ferreira

Zootecnista

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro (IFTM)

Dedicamos este artigo à Doutora Susana Elisa Rieck, docente do IFTM Campus Uberlândia de 2008 a 2020.

Temple Grandin é uma renomada cientista e especialista em animais e autismo e escreveu em parceria com Catherine Johnson a obra *Animals make us human: Creating the Best Life for Animals*, publicada em 2009. No Brasil, recebeu o título de “O bem-estar dos animais: Proposta de uma vida melhor para todos os bichos”, publicada pela Editora Rocco, em 2010. Este livro é dividido em duas partes, sendo um primeiro capítulo intitulado “Do que os animais precisam?” que aborda noções gerais sobre o bem-estar animal e, em seguida, oito capítulos com especificidades de diferentes espécies, sendo elas: cães, gatos, cavalos, vacas, porcos, galinhas e outras aves domésticas, animais selvagens de vida livre e de zoológico.

Fruto de 30 anos de pesquisa e experiências de Temple Grandin, esta publicação baseia-se na premissa de que todo animal tem consciência e sentimentos, partilhando com os humanos um sistema emocional e o desejo de busca, as sensações de raiva, medo, pânico, prazer, vontade de se alimentar e habilidade para jogos. Com ideias práticas e aplicáveis que, em certos momentos, contrariam o senso-comum, o livro ensina como entender e cuidar dos bichos de estimação e produção, ajudando a compreender melhor as emoções cerebrais a partir do ponto de vista dos animais.

O primeiro capítulo inicia descrevendo o principal movimento pelo bem-estar animal iniciado na década de 60, impulsionado pelo *Brambell Report*, relatório desenvolvido pelo governo inglês tendo em vista os métodos intensivos de criação de animais de produção. Nele, estabeleceu-se cinco condições para garantia de bem-estar dos animais, sendo três referentes ao bem-estar físico e duas ao bem-estar mental. São conhecidas como as cinco liberdades e estabelecem que os animais devem permanecer: livres de fome e de sede (e de má-nutrição); livres de desconforto; livres de dor, maus-tratos e doenças; livres para expressar seu comportamento natural e livres de medo e tristeza. Entretanto, Temple e Catherine questionam a aplicabilidade destas expressões, uma vez que o que os humanos reconhecem como desconforto, medo ou tristeza, por exemplo, não é o mesmo para um bicho e varia para cada espécie.

Assim, para as autoras, embora existam vários trabalhos importantes sobre bem-estar

animal, é difícil para os criadores de animais utilizá-los, porque não trazem orientações claras. Para elas, tanto os animais quanto as pessoas têm os mesmos centros de emoções básicas no cérebro e, portanto, ambos buscam sentir-se bem, parando de ter emoções negativas e passando a ter mais emoções positivas. Nesse sentido, acreditam que a melhor maneira de proporcionar boas condições de vida para qualquer animal é criar um programa de bem-estar baseado no sistema emocional cerebral, ativando o máximo de emoções positivas e inibindo as negativas.

Os centros emocionais, teoria do neurocientista Dr. Jaak Panksepp, são chamados de “emoções fundamentais” porque “geram sequências bem organizadas de comportamento que podem ser evocadas por meio de estimulação elétrica cerebral localizada”. Assim, quando os sistemas cerebrais de um ou mais centros de emoções básicas são estimulados, o animal apresenta os comportamentos correspondentes. Essas emoções, tanto em humanos quanto em animais, são inatas, ou seja, não são aprendidas nem com as mães nem com o ambiente e os neurocientistas conhecem bem o que elas produzem no cérebro. O autor descreve quatro sistemas de emoções fundamentais sendo elas:

- 1) BUSCA: é o impulso básico para procurar, investigar e dar sentido ao ambiente, por meio de uma combinação de desejo, anseio e curiosidade. Baseia-se no interesse em obter algo que ainda não se tem, como abrigo ou comida. É uma emoção muito prazerosa e também dominante, como uma plataforma generalizada para a expressão de muitos dos processos emocionais básicos e gera a expectativa de todo tipo de recompensa, especialmente as positivas.
- 2) RAIVA: a emoção básica da raiva evoluiu da experiência de ser capturado e imobilizado por um predador, gerando no animal a energia explosiva necessária para lutar violentamente e talvez causar um impacto suficiente para que o predador afrouxe o aperto, dando ao capturado a chance de fuga. Por sua vez, a frustração é uma forma amena da raiva, desencadeada por uma coibição mental quando o indivíduo não pode realizar alguma coisa que

está tentando fazer. Em geral, os animais sentem-se frustrados em currais, estábulos, casas e apartamentos, por melhor ou mais enriquecido seja o ambiente.

- 3) MEDO: animais sentem medo quando sua sobrevivência é ameaçada de qualquer forma, desde o nível físico até o mental e social. A amígdala é considerada o centro cerebral do medo e, por isso, quando é desligada o medo cessa.
- 4) PÂNICO: a palavra pânico refere-se ao sistema de vínculo social. Os filhotes choram quando a mãe se afasta e um bebê isolado, se a mãe não retorna, pode deprimir e morrer. O sistema pânico evoluiu, provavelmente, a partir da dor física, uma vez que, quando se estimula a parte do cérebro que regula o pânico, o animal dá gritos de separação. É, talvez por isso, que as pessoas digam que “dói” se separar de alguém.

São ainda descritos outros três sistemas de emoções positivas que ainda não se conhece muito bem e não permanecem necessariamente a vida toda do animal e são denominados “sistemas socioemocionais com propósitos especiais empregados em épocas apropriadas na vida dos mamíferos”, sendo eles: luxúria, cuidados e brincar. A luxúria significa sexo e desejo sexual; cuidados é o termo utilizado para descrever cuidados e amor maternos; e o brincar é o sistema cerebral que produz as brincadeiras irrequietas que os filhotes de animais fazem produzindo sentimentos de alegria. É um indicativo de bem-estar, pois animais deprimidos, com medo ou irritados não brincam.

Em conjunto, estas sete emoções – principalmente as quatro primeiras – são capazes de proporcionar um bom ambiente, um cérebro saudável e poucos problemas de comportamento. Entretanto, a maior dificuldade é que não há um teste biológico para avaliação do bem-estar animal. A única orientação que se tem para julgar o ambiente é o comportamento do animal, que dá uma noção de suas emoções, podendo haver erros. Provavelmente por estas razões, os pesquisadores avaliam o bem-estar de um animal por meio de estereotípias, que são comportamentos anormais repetitivos (CRAs), fáceis de visualizar, comuns e apresentam-se em momentos de tensão. Quando duram longos períodos, são denominadas contínuas e passam a ser uma preocupação, em especial, em animais de cativeiro.

Estima-se que, 85 milhões de animais fazenda, laboratórios, zoológicos e de estimação em todo o mundo apresentem estereotípias, sendo 91,5% dos porcos, 82,6% dos galináceos, 50% dos ratos de laboratório e 18,4% dos cavalos. Os CRAs podem ser classificados em três principais tipos: de andar (caminhar de um lado para o outro e ações similares); orais (mascar barras ou cercas, lamber objetos obsessivamente, rolar a língua, etc.) e outros (balançar-se, pular repetitivamente, “movimentos corporais não locomotores”, etc.). Apesar disso, as autoras ressaltam que as estereotípias não significam obrigatoriamente que o animal está em sofrimento, uma vez

que os comportamentos repetitivos podem acalmar o indivíduo em momentos em que o sistema nervoso está hipersensível ou superestimulado. O comportamento repetitivo anormal significa uma das três situações: o animal está sofrendo naquele instante; o animal penou no passado, mas não está padecendo no momento ou o bem-estar do animal pode não ser ótimo, mas ele está em melhor estado que os demais que vivem nas mesmas situações e tem estereotípias.

Nesse contexto, Temple Grandin e Catherine Johnson afirmam que, então, para se criar um bem-estar mental dos animais é necessário evitar as emoções de raiva, medo e pânico estimular a busca e o brincar, mantendo os animais ocupados e prevenindo estereotípias, por meio de orientações simples e confiáveis descritas por espécie nos capítulos a seguir do livro.

O segundo capítulo aborda o bem-estar de cães, considerados hipersociáveis e hipersensíveis a tudo que os humanos fazem, satisfazendo-se com a nossa felicidade e reforçando seus comportamentos por meio de nossas reações sociais. As autoras afirmam que os cães são lobos genéticos e é importante que o humano comande o cão, pois quando sem orientação adequada ficam fora de controle e dominam a casa, trazendo problemas de comportamento. Assim, para promover o bem-estar dos cães baseados nas emoções, é necessário promover contato social para que o sistema pânico não seja ativado, por meio de socialização e companhia frequente ao animal, já que são sociáveis demais para permanecerem horas sozinhos. O sistema brincar precisa ser ativado, por meio de um ambiente enriquecido com brinquedos, sendo necessário fazer um rodízio entre eles, pois são estimulados pela novidade e enjoam fácil. Jogos e brincadeiras com o tutor e passeios longos (pelo menos, 1 hora por dia seguida ou intercalada) ativam o sistema busca, porque descendem dos lobos que são nômades e recebem muitos estímulos durante o dia e tomam várias decisões.

No que diz respeito à raiva, o cão deve aprender controlar impulsos e a lidar com as frustrações do dia a dia para evitar reações de agressividade como rosnar, morder e arreganhar dentes. Os melhores comandos de adestramento para ensinar o cão a lidar com a frustração são “espere” e “fique”. É aconselhável também acostumar o cachorro a não se aborrecer quando você afasta a comida dele. Em relação ao medo, um cão pode reagir recuando, rosnando e latindo, e, quando não dá mais para retroceder, procura morder. Um cachorro normal põe o rabo entre as pernas e tenta fugir quando tem medo, mas não morde. Entretanto, há casos de dominância agressiva que provêm de um transtorno de ansiedade subjacente pelo controle de seus recursos ou seus comportamentos. Uma das formas de abafar a ansiedade é por meio da pressão no corpo do animal, por meio de uma contenção corporal, tal qual um abraço, por períodos limitados de tempo.

De forma geral, o tutor deve identificar e tratar o medo e/ou a ansiedade do cachorro e treiná-lo para ter moderação emocional e ser bem-educado.

O terceiro capítulo trata sobre os gatos que, ao contrário do que se pensa, não são solitários e autossuficientes, mas é sabido que não são totalmente domesticados, pois possuem uma relação de conveniência mútua com os humanos, enquanto cães tiveram uma relação mais simbiótica. Nesse sentido, o sistema medo é um grande problema para esta espécie, que tende a correr e se esconder de estímulos novos e pode apresentar reações explosivas, via sistema raiva. Do medo, deriva-se o maior problema de comportamento dos gatos: o transtorno de eliminação, quando o animal, ansioso por alguma razão, desenvolve a forte necessidade de redefinir seu território em locais inadequados. Para desligar essas emoções é necessário oferecer companhias amigáveis e positivas aos gatos. Já ativar sistemas de busca e brincar em gatos é fácil, pois se interessam por tudo que se movimenta. Por serem caçadores, possuem o sistema de busca bem aflorado e gostam de explorar e aprender sobre o ambiente, sendo muito sensíveis a pequenas mudanças neste. Gatos que vivem dentro de casa devem ter acesso a diferentes atividades e desafios para se entreter, pois a possibilidade de escolhas diminui o estresse do animal e o aprendizado de coisas novas estimula sua mente, como, por exemplo, o treinamento com *clickers* e reforço positivo.

Os cavalos, espécie apresentada no quarto capítulo da obra, são presas e sua emoção dominante é o medo, recorrendo a fuga e coices quando ameaçados. Estes animais são muito estimuláveis pela visão, que lhes diz quando um predador é perigoso, e são hiperespecíficos, ou seja, quando veem um objeto por um ângulo diferente é entendido uma coisa nova e assustadora. Devido a estas características, são considerados muito assustadiços e traumatizáveis, por isso métodos brutais de treinamento podem prejudicá-los, uma vez que o medo pode ativar o sistema raiva. Para extinguir o medo, deve-se expor cuidadosamente um cavalo a doses muito pequenas daquilo que o amedronta e ir aumentando aos poucos, até que ele pare de demonstrar receio. Como são animais de rebanho são bastante sociáveis e não gostam de ficar sozinhos. Mesmo quando presos em baias, devem ter contato visual com outros animais e até mesmo um espelho para que possam se ver. São bastante atentos ao comportamento de humanos e, por esta razão, a regra de ouro para lidar com um cavalo é nunca se aproximar dele com raiva. É muito importante estabelecer sintonia com o animal e reforçar o comportamento sempre de forma positiva.

Já o gado domesticado não é tão assustadiço quanto cavalos, conforme relatado pelas autoras no capítulo cinco, mas as reses estão sempre vigilantes contra predadores, tendo uma visão ampla panorâmica e sempre que se sentem ameaçados, ao invés de fugir, se reúnem em busca de segurança no tamanho do grupo ou enfrentam o perigo com os chifres. Em geral, vacas se assustam com grita-

ria (e raiva) de pessoas, humano que “se avantajam” sobre o animal e movimentos rápidos e repentinos. Vacas com medo balançam o rabo vigorosamente e defecam. Quando se referem ao medo de objetos e estímulos novos, as autoras, afirmam que o gado tem um “medo curioso”, alternando entre sistemas de busca e medo, indicando que a novidade é ao mesmo tempo atraente e assustadora.

Entretanto, quando o estímulo é forçado, gera ansiedade e a resposta é medo puro. Assim, não deve haver novos estímulos num matadouro, como reflexos brilhantes, casacos pendurados em cercas, toalhas de papel balançando e correntes suspensas, que impedem o animal de caminhar facilmente pelas instalações. Cobrir as barras laterais dos boxes de contenção também acalmam os animais, que não conseguem perceber quando algo novo se aproxima deles.

Para fazer o rebanho caminhar, Temple e Catherine, sugerem o princípio de pressionar-liberar, no qual, o ser humano deve pressionar um pouco a zona de fuga do animal para que ele se desloque e, quando a boiada estiver seguindo na direção correta, o vaqueiro volta para trás, liberando-os. De acordo com elas, o principal erro é continuar pressionando, quando gado já estiver caminhando. Em se tratando do sistema pânico, a maior ameaça ao bem-estar das vacas é o desmame abrupto do bezerro, que é extremamente traumático e, para evitá-lo, sugerem o uso de *Easy Wean* ou separação dos animais por cerca, por alguns dias até o afastamento natural.

Os porcos, por sua vez, como mencionado no sexto capítulo, possuem o sistema de busca hiperativado. Por esta razão, são considerados altamente curiosos e possuem necessidade de investigar coisas novas, sendo também muito sociáveis e afetuosos. Entretanto, nos atuais sistemas intensivos de criação os animais permanecem entediados e sem estímulos, mas a pior condição é das porcas (matrizes) confinadas de forma severa e individual, frustrando o animal e ativando os sistemas raiva e medo e definhando a busca. Além disso, impedem as interações sociais, ativando o pânico, sendo totalmente contraindicadas do ponto de vista do bem-estar animal. A alternativa é criá-las em baias coletivas, porém as autoras ressaltam que é necessário adequar as linhagens genéticas para esta nova forma de confinamento, uma vez que porcas podem se tornar agressivas quando em grupos pequenos e de animais desconhecidos. Para evitar as brigas, sugerem que agrupar as leitoas conforme tamanho; colocar um reprodutor no grupo, dar comida extra no momento em que forem colocados juntos; de preferência ao final do dia e com as luzes apagadas e colocar um monte de palha, forragem e brinquedos no cercado para se distraírem. Como mencionado anteriormente, os suínos têm a mente alerta, muito ativa e precisam de um ambiente altamente enriquecido que lhes permita simular a emoção busca. Nesse sentido, a melhor forma de transportá-los de um local a outro é deixá-los explorar o ambiente sem pressão, para evitar a ativação do medo, que suprime a busca. Além disso, são obsessivos por

palha, sendo que a melhor forma de oferecê-la é inteira. Porcos também são atraídos por objetos cheirosos que se deformam quando mastigados e destruídos, como borrachas e tiras de pano. Mas, o mais importante, é que haja rodízio dos objetos oferecidos para ser sempre uma novidade, pois a busca é ativada pelas coisas novas.

No sétimo capítulo, as autoras destacam que as galinhas são muito sociáveis e intensamente ligadas às mães e fazem *imprinting*, por isso, quando separadas, a emoção pânico explode e piam furiosamente. Elas também têm um sistema medo muito ativo, porque são presas e são biologicamente programadas para se esconderem quando põem ovos, desde que possam ver o que acontece ao seu redor. Para elas, as galinhas são a espécie que tem pior nível de bem-estar e sofrem por três razões principais: manuseio brutal, más práticas industriais (como debicagem, muda forçada e insensibilização inadequada) e seleção genética pobre que geram fraturas de ossos, penas bicadas, canibalismo e dores crônicas e problemas de comportamento.

Para promover o bem-estar das aves, Temple e Catherine sugerem oferecer mais espaço para as galinhas, além de ninhos para que possam botar ovos sozinhas e escondidas. Sugerem que as granjas tenham poleiros, pois empoleirar está associado ao pânico e medo e aves empoleiradas apresentam menos penas bicadas. Também sugerem, para estimular a busca, a inclusão de cordinhas brancas e, curiosamente, ao contrário dos suínos, as galinhas não se cansam e não é preciso oferecer novidades o tempo todo. Para avaliar o bem-estar das aves nas granjas, as autoras sugerem um método simples, de três pontos, que mede resultados de criação, acomodação, alimentação e práticas administrativas indevidas. É um teste aplicado em frangos prontos para o mercado e cada ave é incluída num dos três níveis: 1. incapaz de andar dez passos; 2. anda dez passos tortos e mancando; 3. anda dez passos normalmente. Nas melhores granjas, 99% dos frangos andam dez ou mais passos normalmente. As autoras indicam um método de fiscalização de bem-estar específico para aves disponibilizado no site do grupo de pesquisa *LayWel* (www.laywel.eu/), no qual, é possível realizar o teste em 30 segundos, avaliando as condições das penas, ferimentos e lesões de pés.

No capítulo oito, destacam-se os animais selvagens. As autoras acreditam que, para preservá-los, é necessário torná-los mais economicamente valiosos nos locais em que vivem e uma alternativa seria o ecoturismo. Para elas, é fundamental que a observação em campo deve ser realizada e tem imenso valor para que possamos entender como vivem em seu habitat natural, preservar ecossistemas e protegê-los, uma vez que a eficácia de uma medida quase sempre depende do contexto em que é aplicada.

Assim, para promover efetivas mudanças de melhorias nas condições dos animais, deve-se evitar a abstratificação, ou seja, ao invés de estudar os animais de verdade em seus habitats, os

pesquisadores usam programas sofisticados para construir modelos estatísticos em computador e depois os estudam. Para as autoras, quanto mais abstratificadas, mais radicais as pessoas ficam e dificultam as políticas de bem-estar animal. Apesar de reconhecerem que, em alguns casos, as políticas radicais são boas, entendem que uma abordagem legal totalmente abstratificada é negativa aos animais devido às consequências, não intencionais, que ocorrem quando as organizações de direitos dos animais tentam mudar as coisas apenas com aprovação de leis e ações judiciais. Exemplificam com o caso da proibição de abatedouros de cavalos aposentados nos EUA, cuja consequência foi o transporte de milhares desses animais para o México, onde continuavam a ser explorados, morrem de fome ou excesso de trabalho ou foram mortos por métodos bárbaros, como estocada na nuca. Por isso, acreditam que tanto os estudiosos da área animal quanto os ativistas de proteção animal devem saber o que realmente acontece em campo, para que ocorram boas reformas.

Em relação aos zoológicos, abordados no capítulo final do livro, é destacado como alguns se perderam em ideias errôneas sobre bem-estar animal, simulando acomodações o mais parecidas o possível com o habitat natural dos animais. A princípio, parece lógico, porém o zoológico não promove o ambiente de predadores e presas, doenças, fome e perigos da natureza. Logo, gasta-se muito dinheiro construindo instalações sofisticadas, que parecem naturais aos olhos do público, mas dão tanto tédio e sofrimento ao animal quanto as jaulas de cimento. Nos animais-presas, o sistema emocional mais importante é o medo, enquanto para predadores é a busca. Para as presas é fundamental que as jaulas tenham locais onde possam se enfiar, enquanto os primatas sentem-se seguros no alto de árvores. Dentro de uma mesma espécie, diferentes animais têm medos hiperespecíficos distintos, sendo muitos medos novos aprendidos com o passar do tempo. Deve-se descobrir, por observação, a exata causa do temor e tentar habituar o animal ao objeto ou retirá-lo do ambiente. A contenção física é também muito aterrorizante para os animais, ativando a raiva, enquanto os procedimentos veterinários ativam o medo de forma intensa, mesmo se realizado em apenas alguns segundos ou minutos.

No entanto, as autoras ressaltam que usar reforçamento negativo e punição em animais com alto nível de medo destrói qualquer chance de treiná-lo para cooperar. Os predadores cativos têm menos medo, porém maior necessidade de busca que os animais-presas; entretanto, afirmam que são totalmente contra o oferecimento de presas vivas para estes animais, pois todos os mamíferos e pássaros sofrem quando são usados como presas vivas e não há a opção de fuga que lhes seria concedida na natureza. Sendo os animais adaptáveis, é possível que os zoológicos busquem outras formas de estimular a exploração do ambiente.

Algumas espécies cativas nômades podem desenvolver estereotípias de andanças e, quanto

maior a distância que percorreria na natureza, maior a estereotipia. Uma das formas de amenizar seria estimular os sistemas buscar e brincar, por meio de brinquedos, companheiros ou interação com tratadores. Uma das principais formas de estimular a busca é fazer o animal “trabalhar” para receber comida, portanto, deve-se parar de oferecer alimentos em bacias e cochos e oferecer-lhe alguma atividade para obtenção da refeição. Outra excelente forma é usar reforçamento positivo para que aprendam a cooperar nas atividades rotineiras do zoológico, como condução, sendo ainda mais seguro para os humanos. Para estes animais, é importante ter controle sobre as novidades, mas apresentarão a raiva, pois animais de zoológico vivem num estado de contenção crônica porque estão presos. Todos eles, presas ou predadores, têm necessidade de companhia e, apesar das dificuldades práticas, os zoológicos devem evitar o isolamento destas espécies.

Havendo tantas técnicas e manejos conhecidos e simples de aplicar capazes de estimular emoções positivas e inibir as negativas, as autoras se questionam porque ainda há tantas pessoas tratando os animais de forma errada. Segundo elas, ainda há tantos problemas de maus tratos, parte em função da falta de informação e pela dificuldade na mudança de hábitos. Outro obstáculo seria reconhecer que o animal é um ser consciente, tem sentimentos. Ainda, as pessoas não querem refletir sobre as atuais práticas pecuárias que geram estresse ou dor nos animais. A alta rotatividade do pessoal nas fazendas é também um fator significativo, sendo necessário criar um programa de treinamento intensivo para os novos contratados, que alterem não só o comportamento como a atitude das pessoas e uma fiscalização constante do desempenho da equipe. Quando não se sabe o que esperar do manejo de um animal, o tratador pode se sentir frustrado e, conseqüentemente, com raiva, cuja personalidade e temperamento determinam a sua intensidade que pode estimular os maus tratos. A fadiga dos empregados também deve ser considerada, pois estudos indicam que após seis horas de trabalho as pessoas se cansam e o número de ferimentos nos animais tendem a aumentar.

Como forma de melhorar o ambiente de trabalho e, conseqüentemente, o trato dos animais, as autoras sugerem que as chefias pensem em seus funcionários do mesmo modo que os etólogos pensam nos animais, como seres conscientes que, previsivelmente, seguem regras do comportamento de sua própria espécie. Para elas, o mais importante é ter domínio sobre o próprio comportamento para se precaver contra a banalização da dor e do medo que os animais sentem. Uma pessoa que trabalha no escritório fica distante demais para se preocupar com os bichos, enquanto uma pessoa que trata diretamente com eles, pode perder a sensibilidade ou se habituar ao sofrimento. Assim, deve-se demitir todos os funcionários que maltratam os animais, acabando com a implicância e a agressividade, promovendo uma mudança posi-

tiva no ambiente de trabalho. Também recomendam que não haja escassez de mão de obra, para evitar trabalhadores com sobrecarga de trabalho e exauridos, uma vez que a fadiga pode diminuir a atenção e a paciência de uma pessoa, aumentando as frustrações e a raiva. Os tratadores terão melhores atitudes se o empregador se mostrar preocupado com eles, mantendo ferramentas, uniformes e instalações adequadas. Deve-se, ainda, eliminar qualquer equipamento que possa ferir os animais, como bastões elétricos, pois criam um ciclo indesejável de reforço negativo. Além disso, argumentam que é importante saber o momento de realizar a eutanásia de um animal a fim de evitar sofrimento. Recomendam, por fim, que as criações e matadouros tenham paredes de vidro, pois a transparência tem grande efeito psicológico, uma vez que tanto as pessoas quanto os animais se comportam diferente quando sabem que há alguém os observando.

Este livro apresenta uma leitura leve e traz informações bastante aplicáveis aos interessados em bem-estar animal. Traz uma abordagem nova quando se propõe a associar a teoria das emoções básicas de Pankseep a motivação de comportamentos estereotipados. Ainda, de acordo com Temple Grandin, grande parte das pessoas de hoje veem um animal como um tipo de máquina viva, feita de muitas pecinhas químicas. Quando olham um tecido microscópico estão há milhões de quilômetros do animal, esquecendo-se que existe um ser vivo ligado a aquele tecido. Devemos olhar para o animal inteiro. Assim, esta obra pode contribuir para a reforma de políticas de bem-estar animal, auxiliar no trabalho de milhares de tratadores ao redor do mundo e para que a sociedade aceite totalmente a existência de emoções nos animais.